



FOLHA DOMINICAL

DOMINGO XXVII DO TEMPO COMUM

Primeira Leitura (Is 5, 1-7)

Vou cantar, em nome do meu amigo, um cântico de amor à sua vinha. O meu amigo possuía uma vinha numa fértil colina. Lavrou-a e limpou-a das pedras, plantou-a de cepas escolhidas. No meio dela ergueu uma torre e escavou um lagar. Esperava que viesse a dar uvas, mas ela só produziu agraços. E agora, habitantes de Jerusalém, e vós, homens de Judá, sede juizes entre mim e a minha vinha: Que mais podia fazer à minha vinha que não tivesse feito? Quando eu esperava que viesse a dar uvas, porque é que apenas produziu agraços? Agora vos direi o que vou fazer à minha vinha: vou tirar-lhe a vedação e será devastada; vou demolir-lhe o muro e será espezzinhada. Farei dela um terreno deserto: não voltará a ser podada nem cavada, e nela crescerão silvas e espinheiros; e hei de mandar às nuvens que sobre ela não deixem cair chuva. A vinha do Senhor do Universo é a casa de Israel e os homens de Judá são a plantação escolhida. Ele esperava retidão e só há sangue derramado; esperava justiça e só há gritos de horror.

A primeira leitura apresenta-nos o chamado “cântico da vinha”, uma imagem poética para descrever a relação de aliança entre Deus e o seu povo. O profeta exerce o seu ministério em Judá, no século VIII a.C., num contexto de prosperidade aparente, mas marcado por fortes desigualdades sociais, corrupção e injustiça. A vinha, preparada com todo o cuidado pelo proprietário, representa Israel: Deus fez tudo para que desse bons frutos. Contudo, em vez das uvas esperadas, surgem apenas frutos amargos. O contraste atinge o ponto decisivo no versículo final: Deus esperava direito e justiça, mas encontra violência e sofrimento. A denúncia de Isaías não se dirige, portanto, à falta de práticas religiosas, mas à incoerência entre o culto e a vida. A fidelidade à Aliança mede-se sobretudo pela forma como o povo pratica a justiça, respeita os mais frágeis e transforma o amor recebido de Deus em relações fraternas.

Segunda Leitura (Filip 4, 6-9)

Irmãos: Não vos inquieteis com coisa alguma. Mas, em todas as circunstâncias, apresentai os vossos pedidos diante de Deus, com orações, súplicas e ações de graças. E a paz de Deus, que está acima de toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus. Quanto ao resto, irmãos, tudo o que é verdadeiro e nobre, tudo o que é justo e puro, tudo o que é amável e de boa reputação, tudo o que é virtude e digno de louvor é o que deveis ter no pensamento. O que aprendestes, recebestes, ouvistes e vistes em mim é o que deveis praticar. E o Deus da paz estará convosco.

Esta passagem pertence às recomendações finais da carta que Paulo escreve a uma comunidade com quem mantém uma relação particularmente próxima. O apóstolo

encontra-se preso e vive ele próprio uma situação de incerteza; por isso, o convite a não viver dominado pela inquietação não nasce de uma existência sem dificuldades. Paulo aponta antes para uma confiança fundada na oração: pedidos, súplicas e ações de graças colocam a vida diante de Deus e abrem o crente à sua paz. Depois, apresenta uma lista de valores — verdade, nobreza, justiça, pureza, amabilidade e tudo o que é digno de louvor — que eram também reconhecidos pela cultura grega do seu tempo. O cristianismo não rejeita aquilo que é verdadeiramente humano e bom; integra-o e ilumina-o à luz do Evangelho. A fé, porém, não fica no pensamento: Paulo termina convidando a pôr em prática aquilo que foi aprendido e testemunhado.

Evangelho (Mt 21, 33-43)

Naquele tempo, disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo: «Ouvi outra parábola: Havia um proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar e levantou uma torre; depois, arrendou-a a uns vinhateiros e partiu para longe. Quando chegou a época das colheitas, mandou os seus servos aos vinhateiros para receber os frutos. Os vinhateiros, porém, lançando mão dos servos, espancaram um, mataram outro, e a outro apedrejaram-no. Tornou ele a mandar outros servos, em maior número que os primeiros. E eles trataram-nos do mesmo modo. Por fim, mandou-lhes o seu próprio filho, dizendo: ‘Respeitarão o meu filho’. Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro; matemo-lo e ficaremos com a sua herança’. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e mataram-no. Quando vier o dono da vinha, que fará àqueles vinhateiros?». Eles responderam: «Mandarà matar sem piedade esses malvados e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos a seu tempo». Disse-lhes Jesus: «Nunca lestes na Escritura: ‘A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; tudo isto veio do Senhor e é admirável aos nossos olhos’? Por isso vos digo: Ser-vos-á tirado o reino de Deus e dado a um povo que produza os seus frutos».

Estamos em Jerusalém, já num contexto de confronto crescente entre Jesus e as autoridades religiosas. A parábola retoma deliberadamente a imagem da vinha de Isaías: Deus é o proprietário, a vinha representa o povo que lhe pertence e os vinhateiros são aqueles a quem foi confiada a responsabilidade de a cuidar. A novidade está no conflito em torno dos frutos. Os servos enviados pelo dono evocam os profetas, tantas vezes rejeitados; o filho enviado por último remete claramente para Jesus, cuja morte já se anuncia no horizonte do relato. O centro da parábola não é simplesmente a condenação de Israel, mas a responsabilidade daqueles a quem Deus confia a sua vinha. O Reino não é uma posse adquirida nem um privilégio garantido: é um dom confiado para produzir frutos. Por isso, a referência à “pedra rejeitada” introduz também a lógica pascal: aquele que é recusado torna-se a pedra angular da nova construção de Deus. Mateus dirige esta advertência também à sua própria comunidade cristã. Pertencer ao novo povo de Deus não dispensa ninguém da exigência de dar frutos concretos. A autenticidade da fé reconhece-se na justiça, no amor, no serviço, na misericórdia e numa vida coerente com o Evangelho.

Deus nas letras humanas

Vindima

Mosto, descantes e um rumor de passos

Na terra recalçada dos vinhedos.

Um fermentar de forças e cansaços

Em altas confidências e segredos.

Laivos de sangue nos poentes baços.

Doçura quente em corações azedos.

E, sobretudo, pés, olhos e braços

Alegres como peças de brinquedos.

Fim de parto ou de vida, ninguém sabe

A medida precisa que lhe cabe

No tempo, na alegria e na tristeza.

Rasgam-se os véus do sonho e da desgraça.

Ergue-se em cheio a taça

À própria confusão da natureza.

Miguel Torga

Avisos Paroquiais | 4 a 11 de Outubro

05 | Peregrinação a Fátima

Saída 07:00

Eucaristia 11:00

Via Sacra 15:00

06 | Reunião com o secretariado da catequese | 21:30

07 | Reunião com a Equipa de liturgia | 21:30

08 | Reunião com os Ministros extraordinários da comunhão | 21:30

09 | Iniciação à vida Cristã. Para todos os que desejam preparar-se para receber o sacramento do batismo, Eucaristia e Confirmação em adultos | 21:30

10| Inscrições no agrupamento de Escuteiros de Espinho - Para idades compreendidas entre os 6 e os 22, na Sede, na rua 20 | 15:00

Reunião com os pais dos Acólitos | 8:00

Festival das Sopas. Venda de ingressos à porta da Igreja.

Amigos da Capela de Santa Maria Maior. Muitos são os que confessam publicamente e manifestam um carinho pela capela de Santa Maria Maior. Vimos por este meio divulgar uma angariação de fundos para as obras de recuperação da capela com o Certificado Amigo da Capela de Santa Maria Maior ou então pela aquisição de rifas.

Inscrições para todos os que desejam **aprofundar a sua fé** ou receber algum dos **sacramentos de iniciação**, Terças e quartas de tarde ou aos sábados de manhã.

Versões do Sínodo Diocesano

1. O que significa Sinodalidade?

A sinodalidade é o modo de ser Igreja, em que todos os batizados são chamados a participar, escutar, dialogar e assumir responsabilidades na missão comum. Sob a ação do Espírito Santo, a comunidade eclesial procura discernir, em conjunto, os caminhos a seguir e pô-los em prática. É este estilo que se pretende aprofundar, para que se torne habitual nas nossas comunidades e não aconteça apenas durante o Sínodo.

2. O que significa discernimento?

Discernir é procurar reconhecer, em conjunto, aquilo que o Espírito Santo sugere para o hoje da Igreja. Não se trata de um simples debate, em ordem a uma decisão

por maioria. É sobretudo um caminho espiritual, em que a decisão é precedida pela oração, pela escuta e pelo diálogo. Quanto mais todos forem ouvidos, mais rico poderá ser o discernimento.